

Alfonsin vê perigo de ruptura no sistema bancário internacional

DAS AGÊNCIAS E DO CORRESPONDENTE

MAR DEL PLATA — O presidente da Argentina, Raul Alfonsin, alertou ontem para o perigo de uma “ruptura de consequências imprevisíveis no sistema bancário dos países credores” da América Latina. Ele fez um alerta para que isso seja evitado, ao abrir a segunda reunião dos 11 países signatários do “Consenso de Cartagena”. O seu discurso foi considerado moderado.

“Dependemos cada vez mais da dívida e a dívida cada vez menos depende de nós”, disse Alfonsin. Na sua opinião, os países devedores devem tentar criar um espaço para o diálogo com os países credores que não signifique, entretanto, a quebra nas negociações individuais, indicando “que a América Latina não está disposta a ter o seu destino traçado pelos manejos contábeis das finanças internacionais”.

A proposta de Alfonsin reflete a posição dos países representados em Mar del Plata. Para eles, o diálogo com os países credores é a solução mais adequada à crise de endividamento da América Latina. Em Mar Del Plata também será adotada uma estratégia comum para futuras discussões em foros internacionais, como as reuniões anuais do FMI e do Banco Mundial, no dia 20 próximo.

A economia da América Latina, que se transformou em exportadora de capitais, está deteriorada, lembrou Alfonsin, sendo muito aplaudido. Os países latino-americanos — acrescentou — estão impossibilitados de utilizar seu potencial produtivo e está havendo redução substancial da qualidade de vida na região.

A estabilidade e o desenvolvimento do sistema internacional de-

vem basear-se no benefício de todos e não no de alguns, buscando fórmulas solidárias, acentuou, lembrando que no ano passado cerca de um terço das exportações e mais de 3% do produto da América Latina foram consumidos no pagamento do serviço da dívida.

Mais de US\$ 50 bilhões foram transferidos da América Latina em 1982 e 1983 e o processo continuará este ano e, diante disso — afirmou Alfonsin —, os países do Grupo de Cartagena têm de aumentar o diálogo com os credores e órgãos financeiros internacionais.

A dívida não é responsabilidade exclusiva dos países devedores, continuou, mas também resultado das altas taxas de juros e da redução dos preços dos produtos de exportação.

Na reunião de Mar Del Plata foi elaborado um documento que, segundo os comentários, incorpora a proposta do presidente da Colômbia, Belisário Betancur, de concessão pelo FMI de créditos em condições mais vantajosas (taxas baixas e prazo maior) para cobrir parte dos juros. Um documento do Brasil propõe dotar os órgãos internacionais de crédito como o FMI e o Banco Mundial de mais recursos. Adverte que por “dependerem da vontade política dos países industrializados, os integrantes do Grupo de Cartagena deverão agir conjuntamente visando ao diálogo político de alto nível”.

Segundo nosso correspondente em Buenos Aires, **Hugo Martinez**, surgiram rumores de que o México rejeita as conclusões da reunião, por considerar superada a crise da dívida. Jorge Navarrete, secretário de Assuntos Econômicos da Chancelaria do México, disse ao **Estado**: “Essa suspeita está errada na forma e no conteúdo”.